

Em abril deste ano, sob o argumento de coibir a violência nos estádios de futebol, a venda de bebidas alcoólicas foi proibida pela CBF. Nas partidas organizadas pela entidade, a abstinência do álcool se tornou ponto chave para o ajustamento das condutas dos torcedores. Será mesmo que a violência está diretamente, ou proporcionalmente, ligada ao consumo da famosa “cervejinha”?

A história nos ajuda a compreender melhor esta questão. Conflitos, simbólicos e físicos, estão presentes desde os primeiros anos do futebol no Brasil e no mundo. Ao se tornar “paixão nacional” e se popularizar nos gramados e várzeas das cidades, esta prática esportiva foi idealizada, da forma mais romântica possível, no nosso imaginário.

Neste processo, o *fair play* se tornou a conduta ideal. O conceito de *Sportmen* (atleta), propositadamente, esteve sempre associado aos comportamentos controlados e aos bons modos. Assim, aqueles que não se enquadravam neste perfil não eram considerados legítimos esportistas.

A violência sempre foi tratada como uma intrusa. O que mudou ao longo do tempo foi a responsabilização dos agentes. No passado, não foram as torcidas organizadas, nem tampouco as bebidas alcoólicas, as fontes dos atos de violência. Eram as camadas populares, formada por negros em sua maioria, que representavam o lado nefasto do futebol. O esforço dos grupos dirigentes era, assim como hoje, associar diretamente a violência a motivações superficiais, simplistas, oportunas e, algumas vezes, mentirosas.

Assim como no acordo assinado pelos atuais “donos” do futebol, proibindo as bebidas alcoólicas para diminuir a violência nos estádios, os dirigentes da principal Liga de Futebol do país, em 1907, resolveram por unanimidade que não fossem registrados negros aos clubes filiados. Em ambos os casos, o interesse precípuo é manter intacto o ideal romantizado do esporte e circunscrever as chamadas deformidades a elementos aparentemente fáceis de serem controlados. Basta proibir, proibir, proibir...

As bebidas alcoólicas não são culpadas pela violência nos estádios, até mesmo porque continuam sendo consumido ao redor dele. A grande questão está ligada a não compreensão das reais potencialidades do futebol e dos seus seguidores. Quem ou qual será o próximo culpado pelos novos atos de violência nos estádios? Quais serão as novas proibições?

Ainda que devam ser combatidos, o descontrole e a violência fazem parte do espetáculo. Para um efetivo avanço neste cenário, o fenômeno esportivo deve ser compreendido de forma mais ampla e articulada. Não será com proibições pontuais que resolveremos estas questões. O avanço dos negros no futebol, marcado por luta, autonomia e perspicácia, é um bom exemplo de como os projetos de controle são frágeis.

Ricardo Pinto dos Santos* é historiador e pesquisador no Laboratório de SPORTS - UFRJ